

ARTIGOS

Armênia Maria de Souza¹

Bernardino de Laredo, médico e místico - a meditação sobre a Paixão de Cristo em *Subida del Monte Sión* (século XV)

Bernardino de Laredo, physician and mystic – the meditation on the Passion of Christ in “Subida del Monte Sión” (15th Century)



RESUMO:


Frei Bernardino de Laredo, membro da Ordem franciscana, médico e boticário de formação, era proveniente de uma família fidalga e, por volta de 1495, iniciou os seus estudos, segundo consta, em Sevilha. Considera-se que foi autor de duas obras médico-farmacológicas que antecederam seu escrito de caráter místico-religioso. A primeira é um manual de medicina e farmacopeia, *Metaphora medicine*, impressa em 1522, tendo outra edição em 1536, publicada em ambos os momentos por Juan de Varela. A segunda obra é intitulada *Modus faciendi cum ordine medicandi. A médicos y boticários muy común y necessario*. Já a obra de caráter místico é *Subida del Monte Sion*. Nesse aspecto, ele foi um dos representantes da corrente mística da história espiritual da Espanha. Propomos neste estudo compreender a importância de se contemplar Jesus crucificado em sua última obra. Abordaremos aqui as principais cenas da Paixão narradas pelo autor, trazendo o debate com o campo médico para examinar questões relativas à morte por crucificação.

Palavras-chave: Bernardino de Laredo; Mística; Paixão de Cristo; Hematidrose

ABSTRACT:

Fray Bernardino de Laredo, a member of the Franciscan Order, was a physician and apothecary by training. He came from a noble family and, around 1495, began his studies, presumably in Seville. He is believed to have authored two medical-pharmacological works before his mystico-religious writing. The first is a manual of medicine and pharmacopoeia, *Metaphora medicine*, printed in 1522, with another edition in 1536, both published by Juan de Varela. The second book is titled “*Modus faciendi cum ordine medicandi. A médicos y boticários muy común y necessario*”. His publication of mystical nature is *Subida del Monte Sion*. In this regard, he was one of the representatives of the mystical current in Spain's spiritual history. In this study, we aim to understand the importance of contemplating the crucified Jesus in his final book. We will address the main scenes of the Passion of Christ narrated by the author, engaging with the medical field to examine issues related to death by crucifixion.

Keywords: Bernardino de Laredo; Mystic; Passion of Christ; Hematidrosis

¹ Doutora em História Social pela Universidade de Brasília, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO, Brasil. armeniasouza@ufg.br,  <https://orcid.org/0000-0002-5392-3824>

INTRODUÇÃO

Durante o século XV a meditação sobre a Paixão de Cristo se converteu no tema central da espiritualidade cristã. Espiritualidade essa que foi construída ainda na Idade Média, sobretudo com o aparecimento da Ordem Cisterciense (sécs. XI-XII), especialmente com S. Bernardo de Claraval e a Franciscana (séc. XIII), que incentivavam uma “mística da Paixão”. Uma forma de compreensão espiritual, de acordo com a qual a contemplação do Cristo sofredor pode levar à união da alma com Deus, no intuito de libertá-la das paixões mundanas. (Cardoso, 2006) Entretanto, foi a partir de Francisco de Assis que a humanidade de Cristo ganhou centralidade, uma vez que o santo se fez portador dos estigmas do crucificado.

A reflexão sobre as agonias e angústias sofridas por Jesus, antes e durante a crucificação, acabaram por se tornar meios de devoção e forma espelhar para os fieis que, a exemplo de Benardino de Laredo, buscavam se colocar no lugar de Cristo e de Sua mãe ante o drama da Paixão, por meio da contemplação. “? Mas ¡ oh ánima mía lastimada! ¿Y no merecieras ir con tu amoroso Jesús desnudo, con ultraje avergonzado, atado e inclinado todo el muy llagado cuerpo? ¿Y no merecieras ir con tu muy llagado Cristo entre gente tan desmedida y profana? (Laredo, Parte II, cap. XIX, 1948, p.212)

Na Península Ibérica, o sofrimento de Cris-

to foi fulcral para vários escritores, em sua maioria religiosos de espiritualidade mística. Para além de Bernardino de Laredo (1482-1540), destacam-se Teresa de Ávila (151-1588), Luís de Granada (1505-1588), Diego Estella (1524-1578), Juan de los Angeles (1536-1609), San Juan de Avila (1499-1569), San Francisco Borja (1510-1572), dentre outros, os quais se ocuparam de modo especial da meditação acerca da Paixão de Cristo. (Borges, 2009, p.86)

De acordo com Melquiades Andrés Martín (s/d, p.658), a espiritualidade espanhola do século XVI se fundamenta em três pilares: Conhecimento próprio, meditação da Paixão, transformação da alma em Deus. Para um dos expoentes máximos dessa espiritualidade, Bernardino de Laredo, o conhecimento é o ponto de partida para uma vivência espiritual próxima a Deus. “El que no comienza a buscar de raíz su conocimiento com deseo de se estimar en su mísero valor, no verán en el conocimiento de los misterios de Cristo para los poder imitar y meditar com amoroso rigor” (Laredo, 1538, p. 205)

Laredo, como outros representantes do movimento espiritual espanhol, considerava detidamente as diversas circunstâncias dos mistérios dolosos. “Llaman con frecuencia a estas meditaciones, sobre todo hasta 1525, *contemplaciones*. Las reviven con todos los detalles de los evangelios, de las revelaciones privadas medievales y otros que ellos ponen”. (Martín, s/d, p. 660)

Importante ressaltar que o recolhimento é uma das artes ou modos regulares de transformação da alma, é um caminho ou via experimental para unir-se com Deus e gozar dele já nesta vida. Os místicos espanhóis repetem a palavra *unitivo* e *fruitivo*, aplicadas ao amor recíproco entre Deus e a alma. (Martín, s/d., p. 663)

Gomis (1948) classifica a mística como uma ciência de origem divina e que, por ser uma obra sublime, se desenvolve com o consentimento e aceitação da alma; uma vez que seu objeto supera todo sentido natural e sua finalidade tem por escopo unir a alma com Deus sem intermédio de outrem, por tratar-se de um processo em que a alma se comunica diretamente com o divino. Nesse sentido, o conhecimento que provem desse encontro excede toda a ciência humana, que harmoniza com ela, e pode ser vislumbrada e confirmada por ela, como a razão vislumbra e confirma a fé sobrenatural. “[...]y la ciencia mística, cumbre altísima, ápice y conjunción de toda ciencia, de todo saber y de toda iluminación. (Gomis, Introducción, 1948, p.7-8)

Conforme Bernardino de Laredo, o gosto místico é anseio de amor que, ademais, pode almejar-se em tudo, porque Deus está em tudo e no todo. A alma mística em tudo saboreia a Deus e lhe vê e lhe contempla. Este viver resulta conatural com o auxílio da graça divina. (Gomis, Introducción, 1948, p.7-8) ‘El gusto del vero amor, - en to-

do toma sabor’ (Laredo, Subida del monte Sion, parte 3ª, 1948, p.40)

Na parte terceira de *Subida del monte Sion*, é perceptível que os exercícios espirituais propostos por Laredo, considerados verdadeiras experiências sobrenaturais, tem a virtude de aniquilar todo o mal, além de criar e acrescentar todo o bem. “El amor, si bien se trata, - todos los males remata”, anula-os, deixando a alma em plenitude de perfeição. Quando se escala esse divino monte, o “fuego (de amor) es perpetuo” entre o altar e a alma. (Laredo, 1948, p.40)

A obra *Subida del Monte Sión* caracteriza-se pela liberdade de movimento do autor, de modo que nada lhe limita ou o detém para alcançar a perfeição. Laredo ensina que o amor leva a Cristo: “Quien a Cristo há de hallar, - com amor le há de buscar”. Ter amor e buscar Cristo com amor é encontrar-Lhe e depois de encontrado, possuí-Lo. Ademais, o amor, guiando-o Deus, ou melhor, Deus mesmo, nos mete ou mete a alma mística “en el amor sempiterno”. (Gomis, 1948)

Nesse passo, objetivamos neste texto priorizar um autor pouco conhecido entre os brasileiros e que foi um expoente da mística espanhola do século XVI. Aqui especificamente, buscaremos examinar as suas impressões sobre a Paixão de Cristo, na condição de médico e místico, tanto no episódio do Getsêmani, quando Jesus “suou sangue”, quanto no processo que O levou à crucifi-

cação. Assim, dividimos nossa exposição em quatro partes, a) conhecendo o autor; b) A alma que almeja o Cristo sofredor; c) o Getsêmani, onde Jesus “suou sangue”, no qual discutimos a possibilidade de manifestação da hematidrose; d) a crucificação.

CONHECENDO O AUTOR

Bernardino de Laredo, médico, boticário, místico, membro leigo da Ordem franciscana, nasceu no ano de 1482 em Sevilha, filho de uma família de fidalgos; foi pajem no palácio dos condes de Gelves, cujo Mordomo naquele tempo era D. Álvaro de Portugal¹. Laredo se dedicou a este serviço até 1495. Conforme Andrés de Guadalupe (1662), seu biógrafo, com doze anos ele já se sentia atraído pela vocação religiosa e desejou ser franciscano; no entanto seu mestre o considerou muito jovem para adentrar a uma Ordem austera e exigente. Depois de alguns anos, Bernardino deixou o serviço no palácio de Gelves e retornou à sua cidade natal. Em data incerta, começou a estudar na universidade de Sevilha. “[...] De Bernardino de Laredo se sabe que emprendió el estudio de la medicina y que llegaría a culminarlo con el doctorado. Algunos mantienen que además estudió filosofía y teología y que logro coronar sus estudios con el doctorado en Sagrada Escritura. (Martin, 1998, introducción, p. XXXIII)

Em 1507 iniciou a prática médica e em 1510 ingressou no convento de San Francisco del Monte de Villaverde del Rio, a 30 km de Sevilha, como irmão leigo. Permaneceu vinculado a esta instituição por toda a sua vida. Nela exerceu atividades como enfermeiro e foi nomeado boticário dos conventos da Província franciscana. Após trinta anos de vida religiosa, faleceu no referido convento em 1540. (Pérez Ibáñez, 2018, p.221; Brubach; Carrasco Álvarez, s/d, introducción, p. 11-15)

O apelo à vida religiosa foi estimulado por um companheiro e amigo, Juan de Argumanes, doutor em direito civil e eclesiástico, que entrou para a Ordem franciscana da estrita observância de Pedro de Villacreces, na Província de los Ángeles de Sevilla. A sua boa preparação como médico e boticário fez com que seus superiores lhe oferecessem o sacerdócio dentro da Ordem, o que ele negou, mantendo o seu propósito de permanecer como leigo. [...]” (Brubach; Carrasco Álvarez, s/d, introducción, p. 11-15)

Seus conhecimentos excepcionais em medicina e farmácia, especialmente no que tange às plantas medicinais, o levou a escrever dois livros sobre o tema, *Metaphora medicinae* e *Modus faciendi cum ordine medicandi*. Embora os títulos destes livros estejam em latim, seu conteúdo foi escrito em vernáculo, razão pela qual o círculo de leitores teria sido considerável.

A intenção de Laredo com *Metaphora Medicinae*, impressa em Sevilha em 1522 e reimpressa no ano de 1536, era a de que servisse de manual para religiosos enfermeiros e demais profissionais da área da saúde. A obra foi publicada e republicada por Juan de Varela. Tornou-se um manual de medicina e farmacopeia de grande utilidade para as enfermarias conventuais², bem como para os médicos seculares.

A segunda obra é intitulada *Modus faciendi cum ordine medicandi*. A *médicos y boticários muy común y necesario*. “Esta obra suele considerarse la primera farmacopea romance no traducida” (Pérez Ibáñez, 2018, p.221). São conhecidas três edições, por intermédio de Jacobo Cromberger, em 1527, 1534, 1542. “Gracias a estos textos, se le puede integrar en la corriente de autores franciscanos y dominicos interesados en las ciencias naturales y en ligarlas a los postulados de la fe”. (Pérez Ibáñez, 2018, p.221)

Desde a Baixa Idade Média a elaboração de medicamentos ficou sob a responsabilidade de um grupo de profissionais, os boticários, caracterizados, por uma formação empírica onde a tradição e a aprendizagem artesanal foram determinantes. A falta de uma instrução institucionalizada, que fornecessem pessoas formadas no ofício para cobrir as necessidades da população, se viu parcialmente contemplada pela publicação, desde meados do século XV, de uma literatura especializada, com o

intuito de explicar os diversos aspectos da profissão: as predicados que haveria de ter um boticário, as leituras que deveria fazer durante os anos de exercício na profissão, além das técnicas de uso correto a serem aplicadas no tocante a preparação dos medicamentos³. Esta literatura, surgida na Itália, foi logo traduzida para o castelhano e começaram a ser publicados em Castela e Aragão textos escritos por boticários de ambos reinos. O primeiro livro específico conhecido escrito para boticários foi o *Compendium Aromatariorum* do médico salernitano Saladino de Ascolo, publicado pela primeira vez em Bolonha em 1488 e que foi adaptado ao castelhano por Alonso Rodríguez de Tudela (Valladolid, 1515). Na Península Ibérica, o primeiro tratado farmacêutico conhecido escrito por um boticário foi o *Examen apothecariorum* (1521) de Pere Benet Mateu, seguido do *Manipulus medicinarum* (Salamanca, 1523) de Fernando Fernández de Sepúlveda e do *Modus faciendi cum ordine medicandi* de Bernardino de Laredo (Sevilla, 1527). (Rey Bueno, 2004, p.245)

Modus faciendi, bem como o seu texto místico *Subida del Monte Sion*, foram dedicados ao arcebispo de Sevilha. «Al muy illustre y reverendissimo S. don Alonso Manrique, arçobispo de Sevilla, Inquisidor mayor en los reynos y señorios de España etc. De vuestros frayles menores el mas indigno y menor» (*Modus faciendi*, dedicatória). A primei-

ra reúne uma coleção de receitas para o remédio das enfermidades mais comuns da época. (Pérez Ibáñez, 2018, p.221) A segunda obra, objeto de nossa análise, é um primor da mística espanhola do século XVI. “Bernardino de Laredo concibió su obra *Subida del Monte Sión* como um compendio de la teología mística y como manual de la quieta y profunda contemplación del “recogimiento”⁴ (Brubach; Carrasco Álvarez, s/d, introducción, p.16)

Habiendo sido la ocasión de escribir aqueste libro el libertado querer de la muy santa obediência, la cual nos hace poder lo que aun querer no sabíamos. quita a los lectores la causa de poder maravillarse de lo que en él se hallare que sea digno de abrazar considerando la miséria y poquedad, y ignorancia del autor” [...] y le compuso un fraile lego de pequeno entendimento, todo tosco, todo idiota y ignorante, sin fundamento de letras, al cual la Providencia, por su infinita bondade, lo quiso de balde comunicar en esta Provincia de los Angeles [...](Laredo, Pressupuesto II, 1948, p. 34-35).

O autor se apresentou como o menor e o mais indigno diante das autoridades eclesiásticas que avaliariam a pertinência de suas obras perante a Inquisição. Cremos que isso não se deve apenas à essa questão e sim devido ao seu caráter de humildade, pois ao colocar-se como o menor entre os menores, demonstrou a sua filiação franciscana

de pensamento, baseando-se no fundador da Ordem (Francisco de Assis), o qual é ressaltado como modelo para aquele que quer se dedicar à contemplação.

Não obstante frei Bernardino desejasse uma vida contemplativa no convento de São Francisco del Monte, a Ordem e inúmeros enfermos necessitavam de seus cuidados como médico e boticário. Por isso, os seus superiores o nomearam enfermeiro principal da Província de Los Angeles de Sevilla. Além de suas atividades no convento e junto às famílias abastadas locais e à população de modo geral, chegou também a ser médico da família real portuguesa. Em várias ocasiões viajou à corte de Lisboa a serviço de D. João III e de sua esposa D. Catarina, uma das irmãs do imperador Carlos V. (Brubach; Carrasco Álvarez, s/d, introducción, p. 11-15)

Como enfatizado, a dedicação à vida contemplativa foi exposta em sua obra sobre teologia mística a *Subida del Monte Sión*, que recebeu cinco edições: Sevilha, 1535 e 1538; Medina, 1542; Valência, 1590 e Alcalá de Henares, 1617. Composta de três partes em duas redações distintas, a de 1535 y la de 1538, ambas dedicadas a “D. Alonso Manrique, gran Inquisidor de España, arzobispo de Sevilla”. Laredo foi lido por carmelitas, tanto do XVI —Santa Teresa de Jesus⁵ e São João da Cruz⁶ —, como do XVII —Tomás de Jesús (1524-1627). (Herrero; Mancho, 1996, p.124)

O que caracteriza e confere singularidade à obra *Subida del monte Sión* é o riquíssimo conteúdo que a constitui, fundamentada na Bíblia e nos clássicos da espiritualidade medieval, expressa a profundidade no sentir, sentimento que aflora naturalmente do íntimo do seu espírito e não da sensibilidade corpórea. “Sintió profundamente en puro espíritu, y supo expresar docta, sabia y literariamente su nobilíssimo y cristianísimo sentir”. (Gomis, Introducción, 1948, p. 19)

Laredo era grande conhecedor da Vulgata, dos padres da Igreja e demais pensadores como Ricardo de São Víctor (1110-1173), teólogo, filósofo e místico, abade da abadia de São Víctor de Paris. Refletiu sobre os mistérios da vida de Cristo, ou seja, os mistérios da salvação; a Encarnação, a Humanidade, a Paixão, a Ressurreição e a Ascensão do Verbo Divino, bem como a parusia. Para além de Ricardo de São Víctor, Laredo buscou igualmente Orígenes, João Cassiano, São Bernardo de Claraval, Santo Agostinho, dentre outros. A eles seguiram também os teólogos medievais e renascentistas. (Brubach; Carrasco Álvarez, s/d, p. 30)

É apenas na terceira parte de sua obra que Bernardino de Laredo explica o motivo de sua escolha para o título de seu trabalho. Para ele, as duas primeiras partes retratariam a subida da alma ao monte Sião e a terceira representaria o momento em que a alma já se encontraria no cume do monte. “Por esto podría aquesta parte tercera

intitularse por sí la cumbre del monte Sión, así como la primera y la segunda se intitulan la subida”. (Laredo, 1948, parte III, cap.1, p. 299)

Nessa parte também discorre sobre a trajetória de reflexão que o leitor deve realizar ao ler sua obra: “Es así que la primera es como vía purgativa, y la segunda corresponde a la vía iluminativa; de manera que por estas dos vías digamos que sube el ánima a la vía unitiva.” (Laredo, 1948, parte III, cap.1, p. 299)

A subida ao Monte⁷, representada pelas duas primeiras partes, serve alegoricamente de purgação aos pecados, enquanto a terceira simboliza estar no cume da quieta contemplação. O objetivo da alma ao fazer esse exercício individual é estar próxima a Deus, por meio da reflexão e meditação nos mistérios da Paixão de Cristo. A partir de uma analogia o autor explica:

Esta obra se disse Subida del Monte Sión porque el monte Sión, ciudad del inmenso Rey, está al lado de aquilón⁸. [...] Y porque esto es al contrario en la contemplación, dícese que el monte Sión – que es la contemplación quieta – está al lado de aquilón. Aquilón está ladeado y muy alto queda el monte, al cual nuestro título se ofrece con la subida por quieta contemplación.” (Laredo, Notable, 1948, p. 28)

A ALMA QUE ALMEJA O CRISTO SOFREDOR

Passemos agora à análise da Parte II da obra a Subida del Monte Sión, especialmente no tocante à Paixão de Cristo. De que modo o pensamento de Laredo sugere a vivência na contemplação sobre a Paixão de Cristo? Como refletir sobre esse mistério traria o desenvolvimento espiritual do fiel?

O autor inicia a primeira parte de sua obra aconselhando a *alma* (sujeito de suas imprecisões) a primeiro conhecer-se a si própria, caso deseje seguir Cristo “[...]y después pase a la contemplación de remansada quietud” (Laredo, *Subida...*, parte I, cap. 3, 1958, p.44) Esse exercício de autoconhecimento passa pelo sentimento de negação de si mesmo, conforme a passagem de Mateus (16, 24)⁹, e reflete o pensamento do autor a esse respeito: “Quem quiser seguir-me, que se negue a si mesmo, carregue a sua cruz e me siga”. Aqui se encontram os três pontos fulcrais que ajudam a entender a “Subida del Monte Sión”, o cume da mais quieta contemplação. Negar-se equivale à aniquilação e ao reconhecimento da pequenez de si mesmo; Carregar sua cruz corresponde ao seguimento, ou seja, à meditação sobre a vida de Jesus, especialmente a sua Paixão; Seguir a Cristo representa chegar à contemplação quieta. (Martín, 1996, p.57 apud: Brubach; Carrasco Álva-

rez, s/d, p. 27)

No *Pressupuesto III* de sua obra, o autor clama para que a alma entenda o quão é inefável o gosto da divina conversação, lembrando as limitações humanas, devido à sua mortalidade; alerta que para não haver interpretações errôneas sobre a palavra de Deus, que o fiel busque auxílio nas Sagradas Escrituras, na doutrina de Cristo e dos Santos, nas glosas e nos sábios. (Laredo, *Pressupuesto III*, 1948, p. 36) O trecho a seguir mostra como o fiel deve se portar ante a prática da contemplação aos mistérios da vida de Cristo.

Y hase mucho de notar que las liciones de mística teologia no se dejan entender del estudio de las letras, cuanto quiera que sean muchas, si falta oración mental frecuentada, pura, humilde, avicionada, violenta, atenta, codiciosa, cuidadosa, y ordenada, y sin tempo y sin lugar; y con estas condiciones no hay nadie que no las entienda sin que reconozca letras de escolástica lición (Laredo, *Pressupuesto III*, 1948, p. 37)

O modelo de contemplação perfeita para Laredo é o próprio Francisco, cuja oração deve guiar em primeiro lugar as suas preleções em relação à oração mental; para isso o fiel deve olhar fixamente o crucifixo e de joelhos diante dele realizar a seguinte oração: “!Oh alto y glorioso Dios! Alumbra las tinieblas de mi corazón y dame fe de-

recha, esperanza cierta, y caridad perfecta, y conocimiento de ti, Señor, así que yo haga el tu santo y verdadero mandamiento. Amén.” (Laredo, parte II, cap. XIII, 1948, p. 201)

Como a alma deve contemplar Cristo na Cruz? Para tentar responder a essa questão, comecemos por analisar os capítulos específicos nos quais o autor reflete sobre a Paixão de Cristo. Após tratar da vida de Jesus, nascimento, batismo, pregação, o autor busca orientar como a alma deve contemplar o mistério da Paixão. Inicia sua reflexão trazendo a cena da prisão de Jesus no Getsêmani, no dia anterior à sua morte, narrada igualmente nos evangelhos de Mt. 26, 47-56; Mc. 14,43-50; Lc. 22, 47-53 e dos flagelos pelos quais ele havia de passar desde o seu julgamento até a morte por crucificação.

CRISTO “SUOU SANGUE”: HEMATIDROSE?

As reflexões que faremos aqui giram em torno da percepção de Bernardino de Laredo sobre o episódio em que Cristo “suou sangue” e dos instrumentos da Sua Paixão como a coroa de espinhos, a santa corda, o escárnio, o abandono dos apóstolos, o sofrimento de Maria.

Amparado no Evangelho de Lucas, capítulo 22, versículo 44, o autor afirma que Cristo, ao orar,

inflamou-se

[...]más y más el [inocente] del amor, abrasó así sus muy divinas entrañas, y movió así todo su vital espíritu, y excitó allí todo el calor natural de su humanidad sagrada, que se **entrebrieron sus poros, y fué puesto en agonía, y sudó copiosamente sudor de sangre finíssima.** (Laredo, Parte II, cap. XVII, 1948, p.207) (grifo nosso)

Alguns autores afirmam ser possível que o episódio narrado por Lucas (que inclusive era médico) possa ser explicado pela medicina como a manifestação de uma doença rara e muitas vezes associada à crença religiosa da estigmatização, a hematidrose. Essa manifestação dermatológica foi descrita por Lucas, afirmando um dos sintomas do hemaditroso, quando narra que Jesus encontrava-se em agonia ao prever os tormentos que iria sofrer já à véspera de sua morte. “Desde então, esse fenômeno tem sido relacionado ao aparecimento de estigmas e muitas vezes é visto como um fenômeno sobrenatural” (Carrion-Alvarez, et al., 2022).

A hematidrose¹⁰ permanece um diagnóstico por exclusão, feito após descartar outras condições como distúrbios hemorrágicos, cromidrose¹¹ ou pele autoinfligida por lesões (Kluger, 2018). A doença é caracterizada pelo sangramento da pele intacta e ocorre muitas vezes em pacientes com sofrimento de transtornos de stress e an-

siedade. (Alsermani, Maamoun; Alzahrani, Hazzaa; Fakih, Riad el, 2018, p.293). O levantamento mais abrangente sobre a doença realizado por Holoubek e Holoubek, em 1996, compilou 76 casos relatados, classificando-os a partir de estudos clínicos, muitos dos quais foram questionados por falta de testes laboratoriais que comprovassem a totalidade dos casos. De todo modo, parece haver um consenso entre os estudiosos da doença de que os fatores causadores mais comuns são o medo e a ansiedade intensa (Biswas, et al., 2022; Zugibe, 2005, p.9)

Zugibe (2005, p. 15) ressalta que o possível episódio de hematuria sofrido por Jesus no Jardim do Getsêmani, ilustra a gravidade do seu sofrimento psíquico, mas por ser uma questão sensível, que envolve aspectos teológicos, este é um assunto que geralmente não é reconhecido pela ciência quando se estuda esta passagem do Evangelho de Lucas. De acordo com seu olhar médico, os efeitos da hematuria, e a ansiedade grave associada a ela, “são fraqueza geral, depressão, desidratação leve a moderada e hipovolemia leve (baixo volume de sangue e líquidos) devido ao suor e perda de sangue – todos os quais teriam enfraquecido grandemente Jesus antes de Sua crucificação¹².”

O evangelista Marcos (14, 33-34) também registra que Jesus no Getsemâni apavorou-se e angustiou-se e que sua alma sofria uma tristeza de

morte, sintomas que refletem seu sofrimento psicológico e que expressam a sua realidade física, que pode ter desencadeado o episódio de hematuria. Conforme o psicanalista William C. Castilho Pereira, Jesus

[...] colocou-se frente à morte, dialogou com a finitude, teve medo e angústia, produziu sintomas de depressão, como a hematuria. De tanto pavor, suas veias capilares, por baixo das glândulas sudoríparas, romperam-se e fizeram com que o sangue se misturasse ao suor e deramasse sobre sua pele gotas que caíam no chão” (Pereira, 2021, p. 223).

Laredo, com seu olhar médico procura trazer uma explicação ao caso relatado pelo evangelista:

A nuestro propósito, **el sudor de nuestro suavísimo Jesús no fué de sangre de venas, sino de la muy más fina de la rorida humedad**; sangre más pura y más viva, la cual en el hombre está desembrada en cualquiera de sus miembros debajo de cualesquier de sus poros y presta para salir cuando quiera que le sea dado lugar o con puntura de aguja o de muy sutil espina que no pueda romper vena o por cualquier abrimiento de algún poro.[...] los cuales, si son de este sudor preguntados, aunque dan buenas razones, carecen de la propia anatomía, la cual no es necesaria a las le-

tras de la Escritura sagrada, mas sin ella no se puede rebrazar la ocasión de tal sudor ni de húmido radical para ser esta causa conocida. (Laredo, Parte II, cap. XVII, 1948, p.208) (grifo nosso)

Nesse aspecto, o autor aconselha a alma (o fiel) a buscar o entendimento sobre os tormentos que Jesus sofreu por livre vontade, para isso ele retoma o profeta Isaías (53,7) lembrando que o mansíssimo cordeiro colocado em mãos de seu ofendedor, sendo despojado de sua lã, chagado e maltratado, fica sem abrir a boca. “Busque el piadoso entendimiento lo que hay aquí que buscar, y sea su maestro el amor, y la compasión, su escuela; las lágrimas, su lición; los suspiros, su descanso, y gozo, la voluntad, y entreguese la afición. (Laredo, Parte II, cap. XVIII, 1948, p.209-210)

“Y aun pregunto, ¡oh ánima mía!, si era en aqueste lugar donde Cristo se quejó diciendo: No quedó hombre en mi presencia o conmigo.” Essa passagem no Deuterômio (32,39) demonstra como o autor propõe um estado reflexivo e contemplativo sobre a Paixão de Cristo, como forma de estar simbolicamente com o Redentor no momento de sua Paixão, uma vez que os discípulos se dispersaram e apenas as mulheres, especialmente Maria e Maria Madalena e o apóstolo João, acompanharam todo o sofrimento de Jesus na Cruz.

A CRUCIFICAÇÃO

Laredo detalha o espetáculo da crucificação, em um exercício imaginativo sobre os sentimentos de Maria diante de Cristo crucificado e do tumulto causado pelos participantes daquele episódio, incluindo as blasfêmias de seus algozes, os risos, o burburinho. (Laredo, Parte II, cap. XX, 1948, p.216)

Para ele, a crucificação de Jesus foi fruto de um movimento de pessoas cruéis e movidas por Satanás. Descreve com pormenores o processo como ocorreu o encravamento das mãos e dos pés na cruz. Nesse relato sobressai, mais uma vez, a sua formação em medicina:

[...] ¿quién no considera que los huesos de los pies son más muchos y más densos o apretados, o acompañados con más nervos y más venas, que en las palmas de las manos? Pues infiérese de aquí que para ser ambos los pies de tal clavo penetrados, que demandarían más intensos, más recios y más sensibles los retoques del martillo.[...] Porque el nervo contraído puede extender su dolor a todas partes del cuerpo, pues todo está en coligancia o atamiento de uno y de todos los nervos, y así pudo este espantoso dolor durar y prevalecer en intensión y extensión aún más que en ambas las manos y en la descoyuntación; (Laredo, Parte II, cap.

XX,1948, p.215-216) (grifos nossos)

Aqui, algumas considerações sobre a morte por crucificação se fazem necessárias. Como a medicina explica o processo da morte de um crucificado? Autores reiteram que esse tipo de penalidade já existia em outras civilizações como a persa, a grega e a cartaginesa. Em Roma, ela estava destinada às camadas mais baixas da sociedade, como ladrões, escravos, desertores, assassinos, dentre outros (Chevitarese, et. al., 2023; Zugibe, 2005)

A partir do século 4 a.C., o método da crucificação foi adotado dos persas por Alexandre, o Grande, que o introduziu no Egito, em Cartago e no Império Romano. (Regan; Shahlaie; Watson, 2013) Em Roma, a crucificação se caracterizou por processos de tortura de longa duração. Os condenados eram inicialmente despídos, amarrados a um poste e ridicularizados publicamente enquanto eram açoitados com um *flagrum*¹³, um instrumento de tortura composto por faixas de couro presas a bolas de metal ou pequenos ossos. Após a flagelação, a vítima era forçada a carregar um patibulum até o local da crucificação. Nesse processo, o condenado sofria de perda significativa de sangue (hipovolemia) e de exaustão física. Vários eram os fatores que levavam à morte do condenado, incluindo a gravidade das lacerações geradas pela flagelação¹⁴, a desidratação, as condições meteorológicas, o tipo de cruz utilizada¹⁵ e a idade do

condenado. Esses fatores também eram responsáveis pelo tempo de sobrevivência na cruz. Calcula-se que a maioria das vítimas morria dentro de 24 a 36 horas, altura em que os guardas desferiam um golpe no peito do lado direito. Vários aspectos da crucificação não podem ser totalmente compreendidos; autores apontados por Regan et.al., (2013) afirmam que a morte por crucificação é resultante de asfixia, para outros implica em ruptura cardíaca, outros por choque traumático.

As técnicas usadas para fixar as extremidades superiores à cruz também foram bastante analisadas por estudiosos da crucificação. Há uma crença popular, (e Laredo representa esse segmento, amparado certamente nas representações artísticas do crucificado)¹⁶, que retratam os pregos passando pelas palmas das mãos da vítima crucificada. Muitos críticos se opuseram a essa teoria, citando a incapacidade mecânica das mãos para suportar o peso do corpo crucificado na cruz. (Regan; Shahlaie; Watson, 2013; Zugibe, 2005, p.68 seg.)

A crucificação fazia parte de uma exibição pública, por meio da qual a vítima apresentava-se nua em um lugar de proeminência. Esse tipo de penalidade visava a humilhação máxima do condenado, uma vez que este era torturado por incontáveis horas, até que viesse a falecer. Outra característica dessa condenação é que o crucificado não era enterrado (Chevitarese, et. al., 2023), o morto

era deixado às aves de rapina e seus ossos entregues aos cães. O caso de Jesus foi uma excessão e, graças à ação intermediadora de José de Arimatéia, o seu corpo pode ser descido da cruz e sepultado.

O crucificado, além de preso ao madeiro, sentindo fortes dores devido aos açoites sofridos, sentia grande dificuldade para respirar. Depois de alguns dias de sua morte, “o corpo dele já desfigurado caía ao chão e os abutres, cães e outros animais selvagens terminavam de devorá-lo” (Chevitarese, et. al., 2023, p.4).

A determinação da morte por crucificação, segundo Hengel (1977, p. 49 apud Chevitarese, et.al., 2023, p. 5) “era da jurisdição do governador local, com base em seu *imperium* (autoridade) e no *coercitivo* (repressão), a fim de manter a paz e a ordem”. Tendo isso em consideração, Chevitarese et.al. destaca ser possível afirmar que Jesus de Nazaré não passou por qualquer tipo de julgamento, colocando em cheque a narrativa teológica de Marcos (14,47;15,24), não implicando que a narração sobre a prisão de Jesus no Getsêmani (Mc. 14,46) e o fato de ele ter sido levado ao Gólgota (Mc. 15,25) não tenha um caráter histórico.

Ao Sinédrio cabia prender e interrogar os julgados e relatar a correspondência do crime de acordo com a lei judaica; entretanto, não tinha poderes para condenar uma pessoa à morte. No caso de Jesus, coube a Pilatos (procurador romano na

Judeia de 26 a 36 d.C) estabelecer a sentença de morte e não ao sacerdote Caifás, “o Sinédrio era limitado quanto à aplicação da pena de morte”. (Santana, 2018, p. 63)

Sobre se o Sinédrio em Jerusalém tinha jurisdição ou não sobre casos capitais, Chapman e Schnabel (2019) informam que esta é uma questão bastante discutida entre os estudiosos do assunto. Conforme o evangelho de João (18,29-31), os líderes judeus que levaram o caso de Jesus a Pôncio Pilatos, o qual sugeriu que eles julgassem Jesus de acordo com a lei judaica “[...] Que acusação trazeis contra este homem? Responderam-lhe: Se não fosse malfeitor, não o entregaríamos a ti. Disse-lhes Pilatos: “Tomai-o vós mesmos e julgai-o de acordo com a vossa lei”, ao que responderam com a seguinte declaração: “Não nos é permitido condenar ninguém à morte[...]”. Provavelmente os estudiosos acataram a tese de que o Sinédrio em Jerusalém de fato tinha jurisdição total, incluindo casos capitais, antes de 70 d.C. Entretanto, “estudos mais recentes demonstraram que um governador romano não poderia delegar a jurisdição em casos capitais (*ius gladii*), conferida a ele pessoalmente pelo imperador, a outros funcionários provinciais.”. (Chapman; Schnabel, 2019, p. 15)

Quais foram as acusações sobre Jesus, uma vez que Herodes Antipas, governador da Galiléia (Lc. 23,8) não decidiu nada sobre Ele, devolvendo-

O a Pôncio Pilatos? Conforme o livro de Levítico (24,15-16), Jesus deveria sofrer a penalidade de apedrejamento “[...] porque se fez Filho de Deus” (Jo 19,7). Para os judeus, o fato de Cristo se dizer Filho de Deus significava uma blasfêmia e por isso deveria ser apedrejado. (Santana, 2018, p.64). Por outro lado, a pregação de Jesus preocupava dois grupos políticos e religiosamente influentes, o fariseus e os saduceus. Os fariseus eram contrários à maneira como Jesus interpretava a Torá; os saduceus tinham receio de que o movimento de Jesus tivesse ligação com o dos Zelotes, os quais se recusavam a reconhecer o poderio romano sobre o território de Israel. (Eliade, 2011, p. 293)

Pôncio Pilatos não estava convencido de que Jesus era um criminoso e desejava soltá-lo; segundo João (19, 6) “[...] não encontro nele motivo de condenção”, levando os sumos sacerdotes a argumentarem que Jesus era inimigo de César, uma vez que “[...]todo aquele que se faz rei é contra César” (Jo. 19, 12). Desta forma, o procurador romano entregou Jesus à morte de cruz, conforme a narrativa de Mateus (27, 24).

Laredo propõe que o fiel reflita sobre o julgamento de Jesus ante os seus juízes, Anás e Caifás de um lado, Pilatos e Herodes de outro, comparados a crudelíssimos lobos. “¿No fué quizá entre vosotros nuestro Cordero inocentísimo juzgado, contra justicia y sin juicio de razón? (Laredo, Parte II, cap. XVIII, 1948, p.209)

Jesus foi acusado de dois crimes. Pela lei judaica ele foi condenado por blasfêmia (Mc. 14,64), pelo fato de ele afirmar ser o Filho de Deus. E do lado dos romanos pelo crime de sedição, ao ser cognominado como Rei dos Judeus.

Para o nosso autor, um místico franciscano do século XVI, extremamente voltado à ação reflexiva sobre a Cruz de Cristo, a crucificação foi uma ação de verdugos satânicos, que baseados na crueldade açoitaram e mataram um inocente.

¿Y qué hay que pueda estorbar que, considerando la ferocidad de aquellos sayones satanistas, no se piense que desatado de la columna el inocente Cordero, y estando ya algo resfriado el ensangrentado cuerpo, le diesen otro algún golpe de nuevo con los horribles azotes, que aun se estaban en las cruelísimas manos al tiempo que querían irse con el Cordero de allí? Ciertó está que cuanta crueldad y malicia se les pudiere aplicar tiene en su maldad lugar. (Laredo, Parte II, cap. XIX,1948, p.212)

No caso do espetáculo da crucificação de Cristo, dois elementos são ressaltados a partir dos evangelhos e das reflexões de Laredo, a coroação e a vestimenta com um manto escarlate, os quais faziam parte da zombaria sugerida pelo tipo de crime supostamente cometido por Jesus e pelo qual foi condenado. Em Mateus (27,28-31) encontramos o seguinte relato sobre a coroação de es-

pinhos:

Despiram-no e puseram-lhe uma capa escarlate¹⁷. Depois, tecendo uma coroa de espinhos¹⁸, puseram-lhe na cabeça e um caniço na mão direita. E ajoelhando-se diante dele, diziam-lhe, caçoando: “Salve, rei dos judeus! E cuspiendo nele, tomavam o caniço e batiam-lhe na cabeça. Depois de caçoarem dele, despiram-lhe a capa escarlate e tornaram a vesti-lo com suas próprias vestes, e levaram-no para o crucificar.

Acerca da coroação de Jesus, tomamos por base a explicação médica de Zugibe (2005, p.37) sobre o processo de flagelação. O autor explica que provavelmente ele sentiu fortes dores por causa da neuralgia do trigêmeo¹⁹ e dos múltiplos golpes na região da cabeça, na qual se encontrava a coroa de espinhos, que se somaram ao trauma já recebido pela flagelação e espancamento na casa de Caifás, aprofundando assim o grau de choque traumático. Aliados a isso, a perda de sangue e a sudorese pela hematidrose, o aumento da transpiração durante as crises de neuralgia do trigêmeo e a perda de sangue pela penetração dos espinhos causados pela flagelação também aumentariam o grau de choque hipovolêmico. Para agravar a situação ocorreria um acúmulo significativo de líquido em seus pulmões (derrame pleural). Nesse ponto da flagelação, Jesus ficaria progressivamente mais fraco, tonto, com a cor pálida, com

um pouco de falta de ar, com os pés instáveis e experimentaria episódios intermitentes de suor²⁰.

Refletindo sobre o sofrimento de Maria, ao ver Jesus crucificado, Bernardino de Laredo enfatizou sua impressão de religioso sobre a representação de Cristo na cruz, que também demonstra seus conhecimentos médicos

¿Cuál dolor esforzaba a privar más su sentido con más intensa aflicción, **ver la sagrada cabeza muy penetrada de espinas**, la frente tensa extendida ensangrentada, o los ojos ya sumersos y sin luz, o la nariz afilada, **o los labios amarillos**, o el palato de la hiél atormentado, o la boca un poco abierta, como quien perdió la vida, o la barba más que medio repelada? ¿O si era más compasiva aflicción ver la garganta ser de la soga gravemente lastimada? ¿O ver los brazos caídos, los huesos descoyuntados, **ver evacuadas las venas, o los nervios contraídos, o las manos enclavadas**, o trasfixados los pechos, o partido el corazón, **o rompidas las entrañas, o el cuerpo todo llagado**, o si era todo una llaga? (Laredo, Parte II, cap. XXVIII, 1948, p.228) (grifos nossos)

Uma das relíquias da Paixão, igualmente destacada por Laredo, é a corda com a qual Jesus foi atado durante o seu julgamento e crucificação. “Considerando esta soga (**corda**) ser reliquia tan de estimar, que no tocando la cruz, se piense ser

máspreciada que ninguna otra reliquia, porque a Cristo acompañó, sin ser de él desamparada, después que la rescibió al tiempo de su prisión.” (Laredo, Parte II, cap. XXI,1948, p.217)

O autor reflete sobre o assunto, assinalando que, simbolicamente, a santa corda esteve mais presente com Cristo do que qualquer um de seus seguidores, pois “[...]con ella tomó la cruz y por ella lo llevaron, y teniéndola cayó, y con ella lo levantaron, y siempre se la llevó hasta el lugar señalado, donde la cruz, con que había caído, tomó y fué con ella enclavado” (Laredo, Parte II, cap. XXII,1948, p.217)

O autor menciona que um verdugo a recolheu e com desdém a jogou por terra e uma das Marias que acompanhavam Jesus a recolheu. Efetivamente não sabemos de onde essa informação foi recolhida, uma vez que a notícia que temos da *Santa Corda* remonta à tradição, que nos leva a Santa Helena e à sua busca pelas relíquias de Cristo. Em sua viagem à Jerusalém, ela teria encontrado tal relíquia e, de volta a Roma, passou por Chipre, deixando a preciosa peça em um monastério com o nome de Santa Cruz. Nele encontra-se um relicário em forma de cruz, com um fragmento da corda de fibra de cânhamo que, segundo Laredo e a própria tradição, está manchado com o sangue de Cristo. “En la columna, su misma sogá (**corda**) sirvió para que fuese ligado y en gran parte rescibió los desgarros y **las gotas de la san-**

gre que sacudían los azotes siendo cruelmente azotado; [...]” (Laredo, Parte II, cap. XXII,1948, p.217) (grifos nossos)

Em sua contemplação é nítida a preocupação de Laredo de aproximar-se do mistério da Paixão, procurando, num exercício imaginativo, sentir também as dores de Maria.

Mas pregunto, ¡oh muy triste ánima mía!: **¿qué piensas que sentiría el corazón maternal**, que en lo más tierno de las entrañas de la ánima virginal estaba por mil partes penetrado del afilado cuchillo del desmedido dolor, **cuando vido levantar con gran violència la cruz y el Hijo de Dios y suyo tan atormentado en ella ?** (Laredo, Parte II, cap. XXII,1948, p.218) (grifos nossos)

Em frases como: “¡Oh lastimada Señora! ¡Oh bandera de aflicción! ¡Oh Madre desamparada!”, Laredo conclama a alma (o fiel) a estar junto a Maria em seu momento de dor e aflição, por meio da contemplação e da quietude. “¿Pues cuál os afligía más? ¿Cuál os lastimaba el alma: ver extendidos los brazos o divididos los huesos, o los estirados nervios, o las venas evacuadas? (Laredo, Parte II, cap. XXII,1948, p.218)

Ante tais questionamentos o autor, em aparente êxtase, dialogava com a Mãe de Cristo, ressaltando que ela compartilhava o sofrimento do Filho, uma vez que ele, enquanto carne, esteve em

suas entranhas, visto que ela o gerou. “Cristo dió a la cruz sólo su sagrado cuerpo, pero siempre acompañado con la triunfatísima divinidad; mas la Virgen, cuerpo y ánima tuvo enclavada en la cruz, con su tierno corazón y con todas sus entrañas”. (Laredo, Parte II, cap. XXII, 1948, p.218-219)

Laredo, a partir das narrativas da Paixão contidas nos evangelhos, salientou o desabafo de Cristo ao dizer “Deus meu, Deus meu! Por que me abandonaste? (Mt 27,46; Mc. 15,34). (Laredo, Parte II, cap. XXV, 1958, p.224) A narrativa de Marcos relata, tanto na cena do Getsemani (Mc.14, 32-42) quanto na da crucificação (Mc.15,23-39), momentos marcados pela “condição existencial do desamparo” (Amaral, 2022, p. 7).

Marcos narra o desamparo de Jesus, uma vez que os discípulos não foram capazes de vigiar e orar com ele e por ele: “Abba (Pai)! Tudo é possível para ti: afasta de mim este cálice; porém, não o que eu quero, mas o que tu queres” (Mc.14, 36). O silêncio de Deus é aterrador, aprofundando a sensação de desamparo, também por parte do Pai. E a cena se encerra com as palavras: “Basta! A hora chegou! Eis que o Filho do Homem é entregue às mãos dos pecadores” (Mc. 14, 41). Vemos na narrativa de Marcos a imagem de um Jesus sofredor e obediente. A cena de sua morte (Mc. 15, 20-37) “cumprir as imagens de Jesus servo sofredor e profeta condenado” (Amaral, 2022, p.15) evocadas do Salmo 22.

Ao contemplar o sofrimento de Jesus, Laredo relata o abandono dos seus seguidores, ressaltando que apenas João estivera ao pé da Cruz. “Y si en este campo místico (a cruz) buscáis a vuestros discípulos, bien podeis mirar de la diestra a la siniestra y decir que no hay varón que permanezca con vos.” (Laredo, Parte II, cap. XXVII, 1948, p.227)

Para os seguidores de Jesus, especialmente o grupo dos discípulos, a prisão e posterior crucificação de Seu Mestre representou o fim de suas expectativas. Por essa razão, eles o abandonaram. A narração de Lucas acerca da conversa de Jesus, após a ressurreição, com os dois discípulos de Emaús, reflete a situação de desalento de seus seguidores ao afirmarem que os principais sacerdotes e as autoridades “o entregaram para ser condenado à morte, e o crucificaram. Ora, nós esperávamos que fosse ele quem havia de remir Israel” (Lc 24,20-21).

Antes de sua morte, acreditavam que Jesus era o Messias e iria libertar os judeus do domínio romano. Essa era a expectativa dos seguidores do Mestre. Os apóstolos acreditavam em um Messias político e beligerante, conforme João (6, 14-15) “Esse é, verdadeiramente, o profeta que deve vir ao mundo!” Mesmo após a ressurreição, eles ainda esperavam que o reino de Jesus fosse estabelecido na Palestina, conforme Atos dos Apóstolos “Senhor é agora em que irás restaurar a realiza de

Israel?” (At 1,6). A crucificação representou um profundo impacto em suas expectativas. O episódio encheu-os de medo, dúvidas e incertezas (Lc. 24, 37-49). Somente com as aparições de Jesus após a sua ressurreição, como as narradas pelos evangelistas (Lc 24; Jo 20,21), é que os seus seguidores vieram a entender o significado da crucificação.

Para Laredo, repetindo uma tradição cristã, a simbologia da Cruz definia-se como a arma de Cristo, o sinal de sua vitória. Por isso, o autor conclama o fiel (alma) a realizar sacrifícios rituais como vigílias e jejuns durante a Sexta-feira Santa. “[...]Ni siente mi ánima que algún día de todo el año con tan patente razón se deba la reverencia del ayuno a pan y agua como a solas las vigílias de las fiestas de la cruz, pues que por su acatamiento se le debe al Viernes Santo, cuyo título mayor es llamarse de la cruz.” (Laredo, Parte II, cap. XXXI,1948, p.233)

Ressaltou a importância do cristão reverenciar a Ressurreição de Cristo aos domingos, mas que em todas as sextas-feiras também se rememore a Paixão de Cristo, por meio da reverência à cruz “donde fué desbaratada y destruida nuestra muerte” (Laredo, Parte II, cap. XXXI,1948, p.233). Em toda a narrativa, o autor esforçou-se para dramatizar ao máximo o sofrimento na Cruz, com o intuito de levar o fiel a fazer um exame de consciência (ato de contrição) sobre

os seus pecados, ressaltando o sacrifício que Cristo fez pela humanidade, corrompida pela mancha do pecado original.

O autor reiterava que toda vez que o cristão inclina a cabeça, a reverenciar a cruz, este ato produz na alma a rememoração da morte de Jesus narrada por João (19,30) “inclinada a cabeça, entregou o seu espírito”. E cada vez que se coloca de joelhos ante a cruz, confessa-se a crença de não haver outra autoridade senão Cristo, nem nos céus ou na terra. Nesse sentido, adverte-os a levar a sua cruz às costas, fazendo penitências em honra à cruz, com contínuos jejuns, trazendo novamente o exemplo de São Francisco como

[...] muy esforzado alférez de la cruz del gran Rey Cristo, nuestro muy glorioso Padre San Francisco, para que en su muy levantada bandera, esto es, en su evangelical Regla, pusiese aquella seña broslada con su doctrina, no menos estrecha en obligación que larga en galardón de obligados y amigos de obligación, **que nos mandó ayunar todos los viernes por el viernes de la cruz, y por la cruz**, y por Cristo, queriendo que el libre espíritu en cada uno de sus hijos con maceración del cuerpo reverenciase la cruz. (Laredo, Parte II, cap. XXXI,1948, p.234-235)

CONCLUSÃO

Objetivamos responder nesse texto quais seriam os propósitos da narrativa leredana para seus leitores. Para isso é importante salientar nosso encontro com a obra de Laredo. Em nosso recente projeto sobre os boticários em Portugal nos deparamos com essa personagem da história da mística espanhola do século XVI, por meio de suas obras médicas. De início, procurávamos encontrar um Laredo médico e boticário, quando nos deparamos com a sua obra de caráter místico, a *Subida del Monte Sión*, o que nos chamou a atenção, uma vez que nos dedicamos aos estudos sobre religião nos últimos anos.

Dentre os vários assuntos que a obra sugere, optamos por tratar do evento da Paixão de Cristo, narrado por Laredo a partir de sua percepção de médico e de religioso franciscano. Nesse artigo, que se apresentou como um desafio, buscamos trazer elementos para discussão acerca da perspectiva médica sobre um tema bastante sensível, que é a Paixão de Cristo. Nos surpreendemos com o interesse da área médica sobre a crucificação e a doença da hematidrose, a partir do relato feito por Lucas acerca do fato de Jesus ter “suado sangue”.

Laredo procurou explicar essa manifestação dermatológica como médico, sem olvidar o aspecto religioso, o que não podia ser de outra

forma, uma vez que era um franciscano fervoroso, o que acontece igualmente com relação à crucificação. Em seu relato, o autor indicou ao fiel contemplar os mistérios dolorosos, ou seja, a) a oração e agonia de Jesus no Horto das Oliveiras; b) a flagelação de Jesus; c) a coroação de espinhos de Jesus; d) Jesus carrega a Cruz até o calvário; e) a crucificação de Jesus, no intuito de elevar a alma para que ela possa contemplar o sofrimento de Cristo e de Maria.

REFERÊNCIAS

ALVES, Túlio César A.; AZEVEDO, Giselli Santos; CARVALHO, Emannuela S. de. Tratamento farmacológico da Neuralgia do Trigêmeo: Revisão sistemática e metanálise. **Revista Brasileira de Anestesiologia**, Vol. 54, Nº 6, p. 836-849, Novembro - Dezembro, 2004.

AMARAL, Júnior Vasconcelos do. O grito de abandono de Jesus na cruz e o silêncio de Deus: reflexões à luz do Evangelho de Marcos. **Cadernos de Teologia Pública**, Ano XVIII, v. 19, n. 159, p. 1-32, 2022.

ALSERMANI, Maamoun; ALZHRANI, Hazzaa; FAKIH, Riad. Hematidrosis: A Fascinating Phenomenon— Case Study and Overview of the Literature. **Seminars in Thrombosis and Hemostasis**, 44(03), p. 293-295, 2018.

ALVAREZ DE MIRANDA, Pedro. Notas bibliográficas. **RFE**, LXXXII, p. 228-229, 2002. Disponível em: <http://revistadefilologiaespañola.revistas.csic.es>

AMARAL, Júnior Vasconcelos do. O grito de abandono de Jesus na cruz e o silêncio de Deus: reflexões à luz do Evangelho de Marcos. **Cadernos**

de **Teologia Pública**. Ano XVIII, v. 19, n. 159, pp. 4-27, 2022.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2006.

BISWAS, Dipanwita; MONDAL, Dilip K.; BISWAS, Rituparna; HALDER, Anirban. Hematidrosis: A rare entity – case series and review of literature. **Indian Journal of Psychiatry**, 64 (4), p. 423-425, julho-agosto, 2022.

BORGES, Célia M. As imagens da Paixão: plástica e mística nos eremitérios dos carmelitas. **Imagem Brasileira**, n. 4, p.85-89, 2009. Disponível em: <https://www.eba.ufmg.br/revistaceib/index.php/imagembrasileira/article/view/87/79>

BRUBACH, Heirich Peter; CARRASCO ÁLVAREZ, José Agustín (eds.). Bernardino de Laredo. Josephina/Los mistérios del glorioso San José. Sevilla, Es: **Punto Rojo Libros**, s/d. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=08g1EAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA11&dq=Bernardino+de+Laredo&ots=GROZRjQIA_&sig=9AsuNFpXVI9_puKtI1uRiHLaMVk#v=onepage&q=Bernardino%20de%20Laredo&f=false

CARDOSO, José Maria P. **O canto da Paixão nos séculos XVI e XVII**: a singularidade portuguesa. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006.

CARRION-ALVAREZ, Diego; TREJO-CASTRO, Alejandro I.; SALAS-GARZA, Maurício; FAJARDO-RAMIREZ, Oscar Raul; SALAS-ALANIS, Júlío César. Hematohidrosis, hemolacria, and “trichorrhage”: a systematic review Skin. **Appendage Disorders**, v. 8, 3.ed, maio de 2022.

CHAPMAN, David W.; SCHNABEL, Eckhard J. **The trial and crucifixion of Jesus**: Texts and commentary. Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publishers, 2019.

CHEVITARESE, André L.; CORNELLI, Gabriele; SELVATICI, Mônica. (Orgs.) **Uma outra história de Jesus de Nazaré**. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2006.

CHEVITARESE, André L.; JUSTI, Daniel Brasil; DIREITO, Carlos Gustavo Vianna. Crucificação no Império Romano e a morte de Jesus: um ensaio. **Revista Trilhas da História**, v. 12, n. 24, 2023.

CUEVAS, C. La prosa métrica. Teoría. Fray Bernardino de Laredo. Estructuración y relaciones con el verso, Granada, **Publicaciones de la Universidad**, 1972.

DALMASSO, Véronique. La Triangulation du supplice ou les figures du Christ et des larrons dans la Crucifixion. In: **Figures de l'Art. Revue d'études esthétiques**, n°5, pp. 405-424,1999/2001. L'Art des figures. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/fdart_1265-0692_2001_num_5_1_1258

ELIADE, Mircea. **História das crenças e ideias religiosas**. De Gautama Buda ao triunfo do Cristianismo. Rio de Janeiro: Zahar, 2011, v. II.

GARBAY-VELÁZQUEZ, Estelle. “**Representaciones del espacio interior e intimidad espiritual en los tratados de tres franciscanos recogidos** (Francisco de Osuna, Bernabé de Palma y Bernardino de Laredo)”, e-Spania [En ligne], 37 | octobre 2020, mis en ligne le 15 octobre 2020, consulté le 03 mars 2023. Disponível em: <http://journals.openedition.org/e-spania/37066>. DOI: <https://doi.org/10.4000/e-spania.37066>

HERRERO, José Luis; MANCHO, María Jesús. La neología en la mística española temprana; La subida del Monte Sión de Bernardino de Laredo. **Voces**, VII, 1996, 123-158, Ediciones Universidad de Salamanca (España).

KLUGER, Nicolas. Hematidrosis (bloody sweat): a review of the recent literature (1996-2016). **Acta Dermatovenerol APA**, n.27, p.85-90, 2018.

LAREDO, Bernardino de. **Subida del monte Sion nueuamente renouada...**: contém o conhecimento nosso e o seguimento de Cristo e o reuerenciar a Deus na cõtêplacion quieta. Emprimiose ... en ... Medina del Campo: en casa de Pedro de Castro: a costa de Iuan despinosa, 1542. Disponível em: <https://digibug.ugr.es/handle/10481/4025?locale-attribute=fr>

LAREDO, Bernardino de. Subida del monte Sion. In: GOMIS, Juan Butista, O.F.M. (Org.). **Místicos franciscanos españoles**, II. Madrid: BAC, 1948.

LAREDO, BERNARDINO DE: **Modus faciendi cum ordine medicandi**. A Medicos y Boticarios muy comum y necessário. Agora nuevamente corregido por el mesmo autor: e añedidas cosas muy notables. Disponível em: google books. Patrimônio digital da Universidad Complutense Madrid.

MARTÍN, Teodoro H. Via **Spiritus – Bernabé de Palma**; Subida del Monte Sión – Bernardino de Laredo. Madrid: BAC, 1998.

MARTÍN, Melquiades Andrés. La espiritualidad franciscana en España en tiempos de las observancias (1380-1517). **Studia Historica**. Historia Moderna, 1988, Vol. 6.

MARTÍN, Melquiades Andrés. **La via espiritual del recogimento**. Universidad Pontificia de Salamanca, s/d. Disponível em: <https://summa.upsa.es>

PENSADO, Berta. La mística. **Temas españoles**, nº 208, Publicaciones españolas, Madrid 1955. Disponível em: <https://www.filosofia.org/mon/tem/es0208.htm>

PEREIRA, Willian César Castilho. **Os sete pecados capitais à luz da Psicanálise**. Petrópolis: Vozes, 2021.

PÉREZ IBÁÑEZ, María Jesús. Fray Bernardino de Laredo como traductor de textos médicos. **Panace@**. Vol. XIX, n.o 48. Segundo semestre, 2018

Disponível em: <https://uvadoc.uva.es/bitstream/handle/10324/46188/FrayBernardinoDeLaredo.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

PONTES Y ROSALES, José. **Ensayo Biografico-Bibliografico de Fray Bernardino Laredo**, Farmacéutico del Siglo XVI. Madrid: Rafael Anoz, 1863. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=NNzUeGFzqNYC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false

RAVASI, Gianfranco (Org.). Introdução. **Giovanni della Croce**. Salita del Monte Carmelo. Roma: Fazi Editore, 2013.

REGAN, Jacqueline M.; SLHAHLAIE, Kiarash; WATSON, Joseph C. Crucifixion and median neuropathy. **Brain and Behavior**, 3 (3), p. 243-248, 2013. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1002/brb3.132>

REY BUENO, Mar. El informe Valles: los desdibujados límites del arte de boticarios a finales del Siglo XVI (1589-1594). **Asclepio**, Vol. LVI-2, pp. 243-268, 2004.

RIBEIRO, António Vitor. **O Auto dos Místicos: Alumbrados, profecias, aparições e inquisidores** (séculos XVI-XVIII). Dissertação (de Doutoramento), Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2009.

RICARD, Robert. P. Fidèle de Ros. Un inspireur de sainte Thérèse, le Frère Bernardin de Laredo. **Bulletin Hispanique**, tome 51, nº1, 1949. pp. 69-71. Disponível em: www.persee.fr/doc/hispa_0007-4640_1949_num_51_1_3174_t1_0069_0000_2

SANTANA, Denise. **O julgamento e a crucificação de Jesus**. Tear, S. Leopoldo, v. 7, n. 1, p. 63-68, jan.-jun. 2018.

TAVARES, Pedro Vilas-Boas. **Contemplación y san-tidad: trabajos, quietud y quietismo en la "Subida del Monte"**, Les Cahiers de Framespa [En ligne], 1 | 2005, mis en ligne le 17 juin 2010, consulté le 05 janvier 2024. Disponível em: <http://journals.openedition.org/framespa/417>. DOI: <https://doi.org/10.4000/framespa.417>

TELLES, Maria V. L. *et. al.* Cromidose écrina: relato de caso. **Id on Line Multidisciplinary and Psychology Journal**, v. 10, n. 31, Supl. 3, Out.-Nov./2016.

VIDAL GALACHE, Florentina; VIDAL GALACHE, Benicia. Curar el cuerpo y salvar el alma. La asistencia en el Hospital General y Pasión (1767-1850). **Espacio, Tiempo y Forma**, Serie V, H. Contemporánea, t. 8, 1995, págs. 33-45

ZUGIBE, Frederick T. **The Crucifixion of Jesus: A Forensic Inquiry**. 2.ed., Nova York: M. Evans and Company, 2005.

NOTAS

¹Álvaro de Portugal Braganza de Melo, camareiro maior de Carlos V, Alcaide de los Alcázares de Sevilla, (1439-1504).

²É preciso observar que na Antiguidade Clássica os cuidados destinados aos enfermos e desafortunados não se faziam sob o imperativo da compaixão. A assistência ao enfermo por “amor” e o exercício da ciência de forma gratuita, por um sentimento de caridade ante o carente, a incorporação do “conforto”, uma atuação que fosse além das possibilidades da ciência, como o cuidado aos incuráveis ou moribundos e a igualdade no tratamento de todos, fossem ricos ou pobres, livres ou escravos seria uma característica própria da medicina cristã. (Vidal Galanche; Vidal Galanche, 1995, p. 33)

O hospital medieval cristão teve origem nas salas de enfermaria dos mosteiros, o «infirmariun», em

princípio dedicados ao cuidado dos monges, onde não só ficavam os enfermos mas também os anciãos. À sombra dos mosteiros surgem os hortos e jardins dedicados ao cultivo de plantas medicinais com o objetivo de abastecer as boticas dos estabelecimentos. (Vidal Galanche; Vidal Galanche, 1995, p. 33)

³Desde os séculos XIV, e especialmente, o XV o poder político começou uma série medidas destinadas ao controle social da prática de herbolários, especieiros e boticários. Trata-se de ofícios que deviam ser vigiados pelos chamados alcaides e examinadores de médicos e cirurgiões, tanto no âmbito real como no municipal. Os reis Católicos, no final do século XV, já intentavam controlar o mercado do medicamento, em torno dos boticários examinados, taxando a venda ambulante em feiras por parte de drogueiros. Para isso se necessitavam de medidas imediatas: o exame dos boticários, como requisito imprescindível para exercer a sua arte; a visita regulada de boticas estabelecidas, essencial para controlar a boa elaboração de medicamentos. (Rey Bueno, 2004, p.245)

⁴“O recogimiento teve a sua figura maior em Francisco de Osuna, autor de uma obra mestra da mística castelhana, o *Abecedario espiritual*. Este movimento resulta do aperfeiçoamento da oração que se vinha a desenvolver desde os fins do século XV em vários grupos franciscanos, amadurecendo e aparecendo sistematizada na obra de Osuna. De facto, este franciscano afirmou em 1527 no seu *Abecedario* que o seu mestre, o próprio cardeal Cisneros, praticava aquela forma de oração havia mais de quarenta anos. O recogimiento era, segundo Osuna, [...] um método de meditação que implicava três vias, a via purgativa, iluminativa e unificativa, num processo gradual e ascendente. O recogido deveria esvaziar o entendimento de todas as coisas criadas, do Mundo, e meditar na humanidade de Cristo, passando progressivamente para temas mais abstractos”. (Ribeiro, 2009, p.31)

⁵A obra *Subida del Monte Sión* interessava a Santa

Teresa de Jesus, pois lhe servia não somente para entender e aceitar a graça da quieta contemplação que praticava, mas também para aprofundar sua devoção a São José. Pois, no mesmo tomo se acha em todas as edições originais, começando pela primeira do ano de 1535, como anexo, o tratado sobre a Vida do glorioso São José que Laredo intitulou de Josephina. (Brubach; Carrasco Álvarez, s/d, p.18)

⁶No caso de S. João da Cruz, Gomis ressalta: “pero mucho bebió en las fuentes incontaminadas de sus predecesores en la ciência mística, y una de ellas fué la Subida del monte Sión, del devoto y humilde lego franciscano Bernardino de Laredo”. (Introducción, 1948, p. 23)

⁷Gianfranco Ravasi (2013, s/p), em introdução à obra de São João da Cruz, ressalta que em toda a cultura religiosa a figura do monte é símbolo do contato entre o religioso e o terreno, entre o infinito e o finito, entre o eterno e o efêmero. Subir às encostas até ao topo é uma experiência mais mística que terrena, como ensina a passagem do Antigo Testamento (Gn 28, 11-22) sobre a visão noturna de Jacó e a escada cujo ápice tocava o céu.

⁸“[...]aquilón, que quiere decir aire frío y dessecativo, el cual de su natural es impestuoso, muy agudo y penetrativo; y por estas propiedades que hay en él, se pode en comparación de las trasitorias sensuales consolaciones, las cuales, passando presto, dejan frialdade en el ánima y sequedad de consciência.” (Laredo, Notable, 1948, p. 28)

⁹Todas as referências bíblicas foram retiradas de Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2006.

¹⁰Frederick T. Zugibe, em sua obra *The crucifixion of Jesus: Forensic inquiry* (2005, p. 9), informa que casos de hematidrose já eram reportados desde o século XIX, nos Estados Unidos by Mitchell in 1880; in the French literatures by Broeg in 1907 and by Darier in 1930; in the Russian literature bay

Lavsky in 1932 and by Gadzhiev and Listengarten in 1962; in the German literature by Ledalius in 1683, Tittel in 1876, and Riecke in 1923; and in the British literature in 1861 by Chambers and in 1918 by Scott.

¹¹“Cromidrose é um distúrbio relativamente raro caracterizado pela produção e secreção de suor colorido pelas glândulas sudoríparas écrinas ou apócrinas. Pode acometer face, tronco, mãos, axilas, virilha ou outras partes do corpo. Existem dois tipos de cromidrose: apócrina e écrina, além de uma terceira classificação (pseudocromidrose).” Cf. Telles, Maria V. L. et. al. Cromidrose écrina: relato de caso. *Id on Line Multidisciplinary and Psychology Journal*, v. 10, n. 31, Supl. 3, Out.-Nov./2016

¹²“[...]are general weakness, depression, mild to moderate dehydration, and mild hypovolemia (low blood and fluid volume) due to sweat and blood loss – all of which would have greatly weakened Jesus prior to His crucifixion.”

¹³“The flagrum was made in various forms, the most common being a leather whip containing three, sometimes more, leather tails or thongs with small metal balls, sheep bones (atragals), dice, etc., at the end of each tail”. (Zugibe, 2005, p. 19)

¹⁴“The scourging propelled Jesus into na early stage of shock. Over the next few hours there would be a slow accumulation of flui (pleural effusion) developing around the lungs, adding to His breathing difficulties. Ther would also be lacera-tions of the liver and perhaps the spleen. (Zugibe, 2005, p. 22)

¹⁵Acerca dos tipos de cruces cf. Zugibe, 2005, cap. 5.

¹⁶Véronique Dalmasso (1999-2001, p. 405-406) em seu artigo *La triangulation du súplice ou les figures du Christ et des larrons dans la Crucifixion*, ressalta que a partir da metade do século XIII até o século

XV, houve um crescimento nas representações das imagens do Cristo sofredor, a partir das cenas da Paixão, refletindo o sentimento de devoção dos fiéis.

¹⁷“Manto de soldado romano (sagum). A sua cor vermelha evoca, por zombaria, a púrpura real”.
Bíblia de Jerusalém, nota f, p.1755.

¹⁸Zugibe (2005, p. 33) traz uma explicação médica sobre os efeitos do suplício com a coroa de espinhos. “In order to understand the physical effects of the crowning with thorns, one must have a basic knowledge of the nerve supply to the head region and be familiar with a neurological condition called *trigeminal neuralgia*. The nerve supply for pain perception to the head region is distributed by branches of two major nerves: the trigeminal nerve, which essentially supplies the front half of the head. Only a schematic representation of the nerve distribution is shown because the fine nervous branches divide almost infinitesimally throughout the skin”.

¹⁹“A neuralgia do trigêmeo (NT) é uma síndrome de dor crônica, caracterizada por paroxismos de dor excruciante nos lábios, gengivas, bochechas, queixo e muito raramente na região inervada pela divisão oftálmica do quinto par craniano. A dor da neuralgia do trigêmeo afeta de maneira dramática a qualidade de vida dos pacientes acometidos.” (Cf. Alves; Azevedo; Carvalho, 2004, p. 836)

²⁰“The severe pains from the trigeminal neuralgia, and the multiple strikes to Jesus’ head region and to the crown of thorns, added to the trauma already received from the brutal scourging and beating at the home of Caiaphas, thereby deepening the degree of traumatic shock. Concomitantly, the blood loss and sweating from the hematidrosis, the increased sweating during the trigeminal neuralgia attacks, the blood loss from the penetration by the thorns, and the sweating and vomiting caused by the flogging all added to the degree of

hypovolemic shock. At this time, there would be significant fluid buildup around His lungs (pleural effusion), which was slowly developing due to the severe beating to the chest during the flogging. At this stage, Jesus would be progressively weaker, light-headed, ashen in color, somewhat short of breath, and unsteady on His feet, and He would experience intermittent episodes of sweating.